



**UFOP**

Universidade Federal  
de Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

**ANDREIA PEREIRA DE MIRANDA**

**Museus como um espaço para educação: Estudo de caso Programa Circuito  
Museológico da Fundação de Arte de Ouro Preto.**

**OURO PRETO – MG**

**2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA**

**ANDREIA PEREIRA DE MIRANDA**

**Museus como um espaço para educação: Estudo de caso Programa Circuito  
Museológico da Fundação de Arte de Ouro Preto.**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dr. Célio Macedo Alves

**Linha de Pesquisa:** Museologia, Artes e Memória.

**OURO PRETO – MG**

**2021**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M672m Miranda, Andreia Pereira de .  
Museus como um espaço para educação [manuscrito]: Estudo de caso  
Programa Circuito Museológico da Fundação de Arte de Ouro Preto . /  
Andreia Pereira de Miranda. - 646434343535353.  
25 f.: il.: color., gráf..

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola  
de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Museus e escolas. 2. Patrimônio Cultural . 3. Museologia -  
Exposições. 4. Museus - Aspectos educacionais. I. Alves, Célio Macedo .  
II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Andréia Pereira de Miranda**

Museus como espaço para educação: Estudo de Caso Programa Circuito Museológico da Fundação de Arte de Ouro Preto

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 27 de Abril de 2021.

Membros da banca

Professor Doutor Célio Macedo Alves - Universidade Federal de Ouro Preto  
Professora Doutora Yara Mattos - Universidade Federal de Ouro Preto  
Professora Gabriela Lopes de Moura Rangel - Fundação de Arte de Ouro Preto

Célio Macedo Alves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 30 de junho de 2021



Documento assinado eletronicamente por **Celio Macedo Alves, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/06/2021, às 10:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0188208** e o código CRC **9F2B0741**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.006485/2021-75

SEI nº 0188208

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000

Telefone: - www.ufop.br

## **Dedicatória**

*“Dedico esse trabalho a Deus, a meu querido e amado filho Bernardo Lopes, aos meus amigos que tanto me apoiaram e aos queridos professores da Museologia.”*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo privilégio da vida, ao meu querido filho Bernardo Lopes, busco diariamente melhorar como pessoa para que ele possa ter uma boa referência de ser humano e de amiga. Nossa relação é uma bela via de mão dupla aprendemos um com o outro cotidianamente, amo demais!

Agradeço as amigas queridas Ângela e Simone que sempre me impulsionaram nos momentos difíceis na jornada acadêmica.

Agradeço a Alessandra, Flavinho, Gabriela e Anamélia, são pessoas extremamente importante na minha jornada de vida.

Agradeço aos professores da Museologia, nunca irei esquecê-los.

Agradeço todo apoio e parceria na vida ao Bernardo Bastos que esteve ao meu lado durante toda a minha trajetória me fortalecendo e estimulando.

Muitíssimo obrigada!!!

## RESUMO

O presente trabalho abordou sobre Museus como espaço para educação e realizou-se um estudo de caso do Programa Circuito Museológico da Fundação de Arte de Ouro Preto. O tema Museus como espaço para educação surgiu através da experiência vivenciada com os alunos da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) no curso Circuito Museológico. O curso Circuito Museológico transforma a percepção dos alunos perante as instituições museológicas bem como, permite que conheçam mais da história da sua cidade, no caso a cidade de Ouro Preto. Considerando o programa de circuito museológico realizado pela FAOP, objetiva-se investigar a relação Museu-Escola, e a influência das visitas guiadas. A abordagem metodológica desta pesquisa, foi fundamentada em uma visita em campo aos museus e galerias de arte de Ouro Preto, análise bibliográfica, documental. Através da pesquisa realizada conclui-se que a partir das visitas guiadas, o trabalho com o imaginário dos alunos, e que geralmente, está acima das expectativas gerais da educação formal, e o contato direto dos estudantes com obras de artes autênticas tornou a aprendizagem mais interessante e significativa, desta forma, enquanto educadores, devemos buscar alternativas e pensar novas formas de ensinar e aprender com vistas à liberdade. Já, a educação formal, através do estudo realizado se confirma como uma ferramenta adequada para pensar a interação museu-escola. Assim, as visitas guiadas realizadas a esses espaços possibilitaram aos alunos conhecerem mais sobre o patrimônio cultural e a história de OURO PRETO, os mesmos vivenciaram de maneira mais concreta o passado e conseqüentemente passaram a valorizar as culturas passadas e ampliaram a noção de pertencimento.

**Palavras-chave:** Relação Museu-escola. Patrimônio Cultural. Circuito museológico. Fundação de Arte de Ouro Preto.

## **ABSTRACT**

The present work approached Museums as a space for education and a case study of the Circuito Museológico Circuito de Arte Foundation in Ouro Preto was carried out. The theme Museums as a space for education emerged through the experience lived with the students of the Ouro Preto Art Foundation (FAOP) in the Museological Circuit course. The Museological Circuit course transforms students' perception of museological institutions as well as allowing them to learn more about the history of their city, in this case the city of Ouro Preto. Considering the museum circuit program carried out by FAOP, the objective is to investigate the Museum-School relationship, and the influence of guided tours. The methodological approach of this research was based on a field visit to the museums and art galleries of Ouro Preto, bibliographic and documentary analysis. Through the research carried out it is concluded that from the guided visits, the work with the students' imagination, and that, generally, is above the general expectations of formal education, and the direct contact of students with authentic works of art made learning more interesting and meaningful, therefore, as educators, we must look for alternatives and think about new ways of teaching and learning with a view to freedom. On the other hand, formal education, through the study carried out, is confirmed as an adequate tool to think about the museum-school interaction. Thus, the guided visits made to these spaces enabled students to learn more about the cultural heritage and the history of OURO PRETO, they experienced the past more concretely and consequently began to value past cultures and expanded the notion of belonging.

**KEYWORDS:** Museum-school relationship. Cultural heritage. Museological circuit. Ouro Preto Art Foundation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:Imagens do Circuito Museológico.....	38
Figura 2: Diário de Bordo.....	39
Figura 3: Visita ao Museu da Inconfidência.....	41
Figura 4: Quadro de exposição do Ouro e o Tolo.....	43
Figura 5: Oficina Meu Museu Imaginário.....	44
Figura 6: Mina du Veloso em Ouro Preto.....	45
Figura 7: Oficina educativa Cartões Guignard.....	47
Figura 8: Oficina educativa Cartões Guignard.....	47

## LISTA DE TABELAS

Gráfico 1:Alunos inscritos no circuito museológico.....	38
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS

- AC – Alfabetização Científica.
- CTSA – Ciência, tecnologia, sociedade e ambiente.
- EARMFA – Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade.
- FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto.
- IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus.
- ICOM – Comitê Internacional de Museus.
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- MAO – Museus de Artes e Ofícios.
- MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia.
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## SUMARIO

INTRODUÇÃO .....	13
1. CAPÍTULO – MUSEUS, ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAIS, FAOP.....	15
1.1 Museus.....	15
1.2 Espaço de educação não formais. ....	22
1.3 Fundação de arte de Ouro Preto.....	25
2 CAPÍTULO – PATRIMÔNIO CULTURAL: OURO PRETO, MUSEU A CÉU ABERTO.....	28
2.1 Patrimônio cultural .....	28
2.2 Ouro Preto tombado .....	29
3 CAPÍTULO – ESTUDO DE CASO CIRCUITO MUSEOLÓGICO.....	31
3.1 Interação museu-escola não formal.....	31
3.2 A relação museu-escola.....	34
3.3 Circuito museológico .....	36
3.4 Estudo de caso .....	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	48
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	50

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordou sobre Museus como um espaço para educação e realizou-se um estudo de caso Programa Circuito Museológico da Fundação de Arte de Ouro Preto, nesse sentido a educação está ligada ao saber, mas também às diferentes formas lazer e como tal ambiente pode fomentar novas capacidades cognitivas e estimular a sensibilidade do aluno para que possam sentir novas experiências.

O tema Museu como espaço para educação surgiu através da experiência vivenciada com os alunos da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) no curso Circuito Museológico, estuda-se educação patrimonial, senso de pertencimento, e tem-se como objetivo primordial despertar nos alunos um olhar mais crítico perante o que ensinado e demonstrado quando falamos de patrimônio, memória e pertencimento.

O curso Circuito Museológico muda a percepção dos alunos sobre as instituições museológicas e também permite que esses jovens conheçam mais da história da cidade de Ouro Preto. Na maioria das vezes esses alunos não frequentariam esses espaços por eles mesmos e precisam de um incentivo para que possam sentir pertencentes ao centro histórico.

Diante da convivência com os alunos no curso de circuito museológico, realizou-se visita de campo guiadas ao Museu da Inconfidência, Mina do Veloso e à Casa do Pilar. O curso Circuito Museológico não se restringe apenas a visitas a museus da cidade de Ouro Preto, mas também a galerias de arte, ações educativas em espaços culturais, visita as minas de ouro.

O curso Circuitos Museológicos propõe que o aluno desenvolva a compreensão do que é um museu enquanto ideia, conceito, espaço de memória e preservação do patrimônio, a partir da análise de exemplos disponíveis na cidade de Ouro Preto e região. Os encontros promovem não apenas o conhecimento dos acervos, mas também práticas e reflexões voltadas ao entendimento, à valorização e à vivência da arte e da cultura.

Considerando o programa de circuito museológico realizado pela FAOP, objetiva-se investigar a relação Museu-Escola, e que influência as visitas guiadas têm sobre os alunos.

A abordagem metodológica desta pesquisa, foi fundamentada em uma visita de campo aos museus e galerias de arte de Ouro Preto, análise bibliográfica, documental. Classificada como uma pesquisa qualitativa, tem como propósito contextualizar o problema em estudo utilizando como ferramenta de coleta de dados, questões relacionadas aos objetivos deste estudo.

O levantamento bibliográfico será realizado através de pesquisa em base de dados eletrônicos sobre o tema como teses, dissertações, monografias, revistas, livros, artigos. Os critérios adotados para inclusão são artigos que abordam o objetivo deste estudo. Os artigos, que não possuam informações acerca do tema proposto ou repetido, constituem os critérios de exclusão.

Este trabalho é composto por três capítulos. No primeiro capítulo abordou sobre Museus como espaço de educação não formais, iniciou-se conceituando museus, bem como a origem dos mesmos e finalizou-se com apresentação da “Fundação de Arte de Ouro Preto”. O segundo capítulo, intitulado como Patrimônio Cultural de Ouro Preto Museu a céu aberto, iniciou-se discorrendo sobre patrimônio cultural e Tombamento de Ouro Preto. O terceiro e último capítulo, expos sobre interação museu e escola formal e a relação de museu- escola e finalizou relatando a respeito do Circuito Museológico tema central da presente pesquisa, abordando o estudo de caso relatando sobre as visitas guiadas.

## **1. CAPÍTULO – MUSEUS, ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAIS, FAOP.**

### **1.1 MUSEU.**

A palavra Museu tem origem ao vocábulo grego *mouseion*, também denominado casa das musas. Era comum nas principais cidades da antiguidade a criação de espaços destinados às divindades protetoras das artes e da ciência. De acordo com a mitologia grega, existiam nove musas, todas filhas de Mnemósine (divindade da memória) e de Zeus (IBRAM, 2013).

Através de suas pesquisas Gaspar, (1993, p.12), conceitua a palavra museu:

O termo museu vem do latim "museum" que por sua vez se origina do grego "mouseion", denominação, na antiga Grécia, do templo ou santuário das musas. Segundo a mitologia grega havia nove musas que presidiam as chamadas artes liberais: história, música, comédia, tragédia, dança, elegia, poesia lírica, astronomia e a poesia épica e a eloquência. O termo estava mais ligado ao clima ou à atmosfera do local do que às suas características físicas. Era sobretudo um lugar de inspiração onde a mente podia se desligar da realidade cotidiana (GASPAR, 1993, p.12).

Conforme define o Estatuto dos Museus, os museus são: “Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valores históricos, artísticos, científicos, técnicos, ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (IBRAM, 2009).

Segundo o ICOM (Comitê Internacional de Museus) na definição aprovada pela 20ª Assembleia Geral, os museus são definidos como uma “instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

O conceito de Museu continua em transformação, seja no Brasil ou no mundo. Consideram-se museus as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico,

científico, técnico ou qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (IBRAM, 2009).

### **1.1.2 Origem dos museus.**

Gaspar (1993), em sua tese de doutorado, dedica uma parte dela para fazer um breve recorte histórico sobre os museus de ciências, bem como seu surgimento. Contudo, antes de iniciar este tópico, o autor considera interessante, conceituar a palavra museu, por entender que durante algum tempo, era muito comum perceber nas pessoas um certo “preconceito” em relação a palavra museu, por nos remeter a objetos “antigos” e “ultrapassados”.

O autor ainda afirma que nos séculos XVII e XVIII, surgem os primeiros museus públicos, pois se inicia uma preocupação de se “organizar o conhecimento existente”, acrescida da reivindicação da sociedade em fazer parte deste conhecimento. Ainda segundo informação de Gaspar (1993), nesta mesma época inicia-se a criação de museus voltados para a ciência.

No final do século XIX e início do século XX, a ênfase na educação que marcava os museus americanos começou a se disseminar também pela Europa, e um dos marcos dessa tendência é a criação do Museu de Ciências de Munique em 1908. Introduzindo inúmeras inovações, procurava tornar acessíveis ao público as conquistas mais modernas da ciência e da tecnologia. Apresenta réplicas e equipamentos em tamanho natural, modelos animados acionados pelo visitante através de botões ilustrando o funcionamento de máquinas ou princípios físicos, entre outras coisas (GASPAR,1993).

Tais espaços não eram destinados para reunir coleções para posse dos homens, e sim como espaços reservados à contemplação e aos estudos científicos, artísticos e literários. O termo Museu como é conhecido hoje, apesar de ser voltado para arte, memória e ciência, foi adquirindo novas definições ao longo da história (GASPAR,2013). Em Alexandria, situada no Egito, era conhecida como uma das mais importantes bibliotecas da história, nela ficavam grande coleções de grande importância para a história grega e egípcia.

Com o passar dos anos, os museus viraram espaços de colecionismo, o acúmulo de obra de artes, de objetos e a reprodução de textos para publicação.

- 1) Império Romano: em decorrência das guerras de dominação de territórios, isso foi fundamental para a coleção de vários objetos, acondicionadas em casas particulares e templos;
- 2) Idade Média: as igrejas e os mosteiros eram repletos de relíquias e objetos, que chegavam à igreja através de doações organizadas pelas próprias igrejas, onde era pregado que os fiéis deveriam desapegar de bens supérfluos e materiais.
- 3) Reforma e contrarreforma: com o enfraquecimento da Igreja, as coleções tornaram-se mais restritas, compradas por grandes reinos, que além de comprarem objetos antigos, investiam em artistas da época e ficavam com suas produções (IBRAM, 2013).

Na metade do século XVIII, iniciou-se uma melhor organização de coleções que passaram a ser utilizadas em demonstrações, sendo possível a utilização para estudos e divulgação. Mas só a partir do começo do século XX, é que foi pensado em aliar a exposição à informações científicas para o público, direcionada para que ocorra a interação entre visitantes e museu (QUEIROZ *et. al.* 2011).

O período posterior a 2ª Guerra Mundial, foi marcado por intelectuais de diversas áreas como um divisor para importantes transformações na história do pensamento. Observou-se transformações emblemáticas para a sociedade, como a velocidade de descobertas de tecnologias de informação e comunicação, sendo que estas marcaram diretamente instituições, seja tanto em caráter educacional como cultural.

O museu também foi afetado por essas transformações, foram questionados novos modelos no qual os museus passariam a desenvolver uma função social, a partir de tal fato, foram surgindo iniciativas, que buscavam a organização do setor, que englobava tanto os nacionais como os transnacionais (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011).

Em decorrência, foi fundado em 1946 o ICOM (Internation Council of Museums), que é uma Organização não-governamental, filiada à UNESCO. O ICOM conta com mais de 30.000 membros, de 137 países, que desempenham atividades regionais, nacionais e internacionais, tais como publicações, programas de formação, intercâmbios, oficinas e de promoção de museus, com financiamento principal de seus

membros, por atividades desenvolvidas pelos mesmos e através de patrocínio de organizações privadas e públicas (ICOM, 2019).

A Lei 11.904/2009 que institui o Estatuto dos Museus conceitua:

“Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (Lei 11.904/2009).

Para Smaniotto, (2016), é de suma importância utilizar os museus como espaços de aprendizagem: Assim sendo, a instituição-museu é o espaço ideal para o desenvolvimento desses processos. Os museus são, por excelência, locais de observação, interação e reflexão. Desta forma, os museus podem ser trabalhados como espaço de discussão de ideias, espaço de aprendizagem consequente e não somente como o lugar do lúdico ou de contemplação.

### **1.1.3 Museus brasileiros.**

Data do século XIX as primeiras instituições museológicas no Brasil, em 1818, a partir de iniciativa de Dom João VI foi criado o Museu Real (atual Museu Nacional). Onde primeiramente o acervo era uma pequena coleção de história natural doada pelo imperador, mas somente no final do século XIX o museu assumiu seu caráter científico. Também no final do século XIX foram criados diversos museus, tais como: em 1864 o Museu do Exército; em 1868 da Marinha; 1876 o Paranaense; 1894 o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, com destaque para dois museus etnográficos: em 1886 o Paraense Emílio Goeldi e em 1894 o Museu do Ipiranga (JULIÃO, 2006).

No século XX, com as transformações políticas e culturais, crescia um forte sentimento nacionalista, a Semana de Arte Moderna, marcou esta valorização cultural, bem como os acontecimentos políticos, como a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana e a fundação do Partido Comunista do Brasil. Surge o Museu Histórico Nacional, acompanhando todo este contexto histórico (IBRAM, 2013).

No ano de 1922, foi criado por Gustavo Barroso, o Museu Histórico Nacional,

sendo esse fato o responsável pelo início de uma nova era de museus nacionais. Os objetos antes expostos deixaram de ser sobre elementos relacionados a natureza e passou a dar ênfase a objetos representativos a história da nação. Porém, o que foi privilegiado foi a elite, com seus feitos históricos, e a participação popular ficou à margem, trazendo como consequência o afastamento de grande parte da população (SANTOS, 2004).

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2018, contabiliza que o Brasil possui cerca de 3,8 mil museus. Em 2010, segundo o IBRAM, 21,1% dos municípios brasileiros possuíam museus, a maior parte dos museus é público e gratuito. O Estado que possui mais museus é o de São Paulo.

#### **1.1.4 Museus: comunicação versus memória individual e coletiva.**

Para Lowenthal (1998), os museus mostram uma representação do passado, tendo como égide a memória, de forma ordenada, criando um tempo museal e refutando a ordem do tempo, através de traços do passado, produzindo de acordo com que cada grupo acredita fazer parte da sua história, uma caracterização de um tempo.

Apesar da aparente fragmentação da história, as representações de uma continuidade temporal prevalecem sobre os momentos de interrupção dos acontecimentos. Tais representações de continuidade temporal são recorrentes nos museus sob forma de estagnação dos acontecimentos (RODRIGUES & SERRES, 2013).

Para Tolentino (2018), a representação de identidades e memória coletiva é marcada de forma intensa por questões ideológicas, pois esse contexto está marcado por conflitos que permeiam disputas econômicas, políticas e simbólicas que rodeiam o jogo social que constituem declarações identitárias.

Bakthin (2009), cita que “toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico” e que tal objeto físico transforma-se em signo. E esse objeto passa a transmitir uma outra realidade, sem perder a sua realidade material.

Para Tolentino, (2018, p.238):

“Desta forma, quando da conformação de performances narrativas de memórias coletivas, não pode ser desconsiderado o poder de que se revestem os museus e os objetos museológicos, estes enquanto signos significantes. Por meio da insígnia da verdade, os museus têm o poder de constituir discursos homogeneizantes, que contribuem para a manutenção e perpetuação de um *status quo* opressor, ou, de outro lado, construir discursos reflexivos e críticos, que concebem o indivíduo como sujeito social que age e transforma a realidade” (TOLENTINO, 2018, p. 238).

Cury (2009) acredita que a comunicação museológica apenas se concretiza quando o discurso do museu é absorvido pelo visitante e é adaptado ao seu dia a dia na forma de um novo discurso. O público apodera-se do discurso museológico, reinventa-o, a partir disso cria e dissemina um novo discurso, iniciando um ciclo, sendo que o novo discurso se adequa por outros e há uma repetição da história. O criador do objeto e seus usuários, que no museu logrou para um status museológico ao ser introduzido em um universo novo e simbólico. O pesquisador, o conservador, o documentarista, o educador e o museólogo, que integram os recursos humanos da instituição. Todos esses são sujeitos dos museus, mesmo que em épocas diferentes, que se encontrem distantes geograficamente ou culturalmente, que muitas vezes não estão presentes fisicamente nos museus, mas todos são sujeitos participantes da “(re) significação do objeto patrimonial e da circulação da significação”.

A rememoração do passado é tanto coletivo como individual. Para Candau (2012) a memória na esfera individual é expressada de três formas, podendo ocorrer variações em relação com os indivíduos, sociedade ou grupos. A primeira é a protomemória: memória social assimilada aos gestos corporais, ela ocorre sem tomada de consciência, apresentando-se na forma de falar, andar, caminhar, entre outras. A segunda é a memória de recordação ou reconhecimento, lembrança intencional ou involuntária de recordações sobre a vida ou que fazem parte de uma memória de crenças, saberes, sentimentos, entre outros. A terceira relaciona-se a metamemória, que a representação que cada indivíduo faz a partir da própria memória pleiteada.

A expressão “memória coletiva” é uma representação, uma forma de metamemória, “um enunciado que membros de um grupo irão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos eles”. O enunciado, que teoricamente pertence a todos de um grupo, localizam-se retratados nos museus e nas memórias declaradas oficiais, que acabam sendo produzidas no interior de única descrição

museal e imortalizadas dentro de tal espaço. A memória coletiva e a metamemória ao serem confundidas, poderão ocasionar uma visão de memória compartilhada, que para Candau não seria apropriado: Ora, confundimos muitas vezes o fato de dizer, escrever ou pensar que existe uma memória coletiva – fato que é facilmente atestado – com a ideia de que o que é dito, pensado ou escrito dá conta da existência de uma memória coletiva. Logo, confundimos o discurso metamemorial com aquilo que supomos que ele descreve. Quando vários informantes afirmam recordar como eles acreditam que os outros recordam, a única coisa atestada é a metamemória coletiva, ou seja, eles acreditam se recordar da mesma maneira que os outros recordam (CANDAU, 2012).

Durante o Renascimento, os museus eram como “gabinetes de curiosidades”, no decorrer dos tempos, eram locais que abrigavam coleções suntuosas fechadas e também serviram como aparelho para que fosse criada a identidade dos Estados Nacionais. Na atualidade, reaparecem como cernes locais de identidade e memória (RODRIGUES & SERRES, 2013).

Para Huyssen (1994, p.36), a realidade do museu deve ser vista através de uma nova perspectiva:

Como explicar o sucesso do passado museológico numa época em que se apontou constantemente a perda do sentido da história, a deficiência da memória e uma amnésia degeneralizada? A velha crítica sociológica do museu como um reforço “do sentimento pertencimento para alguns e para outros, do sentimento de exclusão”, não nos parece mais pertinente. No atual cenário do museu, a ideia de um templo com musas foi enterrada, surgindo no lugar um espaço híbrido, entre a diversão pública e uma loja de departamento (HUYSSSEN, 1994, p.36),

O discurso museal demonstra sua interferência nos processos de memória coletiva (CASTRO, 2009). A memória em exibição nos museus revela-se de forma controlada e gerenciada, já que tais espaços foram criados para a manipulação das memórias (RODRIGUES & SERRES, 2013).

Já para Cury (2009) ao visitante dos museus lhes foi atribuído o papel de escritor, pois ele tem participação como criador do discurso museológico, ela cita sua experiência como coordenadora de exposições: A exposição foi pensada para exigir algo do público: este deveria ser constantemente desafiado, convidado a dela participar efetivamente. Nunca vislumbramos uma exposição na qual as pessoas

recebessem a informação passivamente ou fosse colocadas diante de um objeto e não compreendessem a sua importância dentro de seu contexto social e cultural. Tínhamos a certeza de almejar uma exposição em que o público tivesse, além de uma participação ativa, uma qualidade participativa numa dimensão cognitiva.

Hoje se tem conhecimento que o visitante é o sujeito responsável pela construção de seus saberes, sobretudo dentro e fora dos museus. Abordar a visita museológica como uma experiência, expande os horizontes no que tange às nossas concepções sobre o papel do público nos museus. “Os visitantes usam suas próprias estratégias de interpretação para obter o sentido das exposições que encontram durante suas visitas a museus” (CURY, 2009).

Tais estratégias de interpretação são formuladas a partir de seu próprio rol de conhecimentos, valores e vivências. Ao interagir com a exposição, o visitante instiga de sua experiência de vida, as referências para sua interpretação.

## **1.2 ESPAÇO DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.**

### **1.2.1 Conceito**

Para Libâneo (2008) a educação formal seria aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente e sistemática. Corroborando com Libâneo; Garcia (2005) diz que a educação escolar é aquela em que o saber é sistematizado, o que justifica a sua definição como educação formal.

Para elucidarmos estes conceitos, nos valem de Gohn (2006, p. 28):

[...] a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos Espaço de educação não formais herdados: e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2006, p. 28).

Assim, segundo Gohn (2006, p. 98): A educação não formal pode ser definida como a que proporciona a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal em

espaços como museus, centros de ciências, ou qualquer outro em que as atividades sejam desenvolvidas de forma bem direcionada, com um objetivo definido.

No que diz respeito à discussão entre educação formal e informal e suas contribuições para a formação artística, segundo Mikel Asencio (2002), identificar as características do processo informal de aprendizagem, que possam contribuir para mudanças positivas na escola, além de inspirar estratégias pedagógicas formais que permitam, em contrapartida, agregar valor às experiências informais, é um esforço necessário para a transformação das propostas que compõem o cenário da educação tanto em museus como nas escolas.

Por fim, a educação informal não requer preparação prévia e não está voltada necessariamente para os estudantes. A maneira informal de educar precisa, para acontecer, somente de uma pessoa que saiba e de um indivíduo apto a aprender. O processo de ensino e aprendizagem é simultâneo, portanto, os envolvidos, muitas vezes, nem percebem que estão participando de um modo informal de educação (GASPAR, 2013).

### **1.2.2 Importância da Educação em espaços não-formais.**

Para Gohn (2009) a educação não formal objetiva a ampliação de ações e atividades que está relacionada à promoção da cidadania, em especial para as crianças e adolescentes, para que possa lidar e explicar problemas presentes em seu cotidiano.

Para Gohn (2006, p. 2):

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p.2).

Para Caro e Guzzo (2004), a educação não formal é um componente

importante para enfrentamento dos problemas decorrentes das desigualdades sociais, já que tem como objetivo auxiliar a formação integral do cidadão, no que tange desenvolvimento, a possibilidade de inclusão na sociedade e a conscientização cidadã.

Por isso, a necessidade de se dar ênfase a educação não formal, de acordo com Soto (2001), os trabalhos realizados nos espaços educativos não formais, estão voltados para a parcela mais pobre da população, podendo desta forma, “ter tanto um caráter transformador das estruturas sociais quanto um caráter reforçador dessas mesmas estruturas”.

A educação não formal é marcada pela diversidade de ações que promove, é uma modalidade educativa que tem como base os acontecimentos do dia a dia das comunidades, a metodologia dos conteúdos é flexível e conta com um público-alvo diversificado. A educação não formal não se limita tão somente aos processos de ensino e aprendizagem, vai além dos muros das mesmas, abrangendo uma diversidade de pessoas e espaços, contribuem para a formação sobre direitos humanos, lutas contra a desigualdade e a exclusão social (GOHN, 2006; SIMSON *et al.*, 2001). Sendo assim, os métodos de educação devem estar ajustados aos meios sociais e culturais dos cidadãos, de modo dinâmico e flexível, tendo como centro os interesses da coletividade, sendo desta forma, a aprendizagem não acontece de forma obrigatória (GOHN, 2006).

Souza (2008) destaca que a Educação não formal se organiza de outro jeito e se relaciona com as questões de aprendizado diferentemente da escola, pois a valorização das relações pessoais à relevância do saber através da práxis se dá de uma maneira diferente do contexto formal e escolar. Chaves *et al.* (2016), ressalta que os docentes precisam conhecer, compreender, operacionalizar atividades escolares em diferentes espaços escolares de forma a complementar e a enriquecer a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem dos indivíduos.

Por isso, Museus e Centros de Ciências e Tecnologia, por exemplo, representam espaços de educação não formal, uma vez que neles ocorre a construção de saberes, estimulada por situações inéditas e essencialmente intencionais que são apresentadas nas exposições e atividades propostas por estes espaços, permitindo a ampliação do conhecimento sobre o mundo e sobre as relações nas quais os indivíduos tomam parte (GOHN, 2006).

Desse modo, da maneira em que os conhecimentos são adquiridos, se apropriando dos mesmos, estes passam a constituir seu conjunto de saberes e a dar outros sentidos e redefinir modos de ação e comportamentos cotidianos, tornando-se, gradativamente, novos saberes do senso comum (LEMOS *et al*, 2013).

### **1.3 FUNDAÇÃO DE ARTE DE OURO PRETO.**

A Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP) surgiu em 1968, através dos esforços do poeta Vinícius de Moraes, do historiador Affonso Ávila, do escritor Murilo Rubião e da atriz Domitila do Amaral. Sua criação tinha como objetivo a produção e assimilação da arte. No ano seguinte à sua inauguração, em 1969, a Fundação integrou à sua estrutura a Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade | EARMFA, criada pelos artistas Nello Nuno e Annamélia Lopes, oferecendo um variado leque de cursos de arte. Ainda neste primeiro momento, o restaurador Jair Afonso Inácio teve a iniciativa de organizar, junto à EARMFA, o primeiro curso para a formação de conservadores e restauradores no Brasil.

Nos dias atuais a FAOP é uma Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, e é atuante em várias áreas através de políticas públicas, com ações voltadas para restauração, conservação, “fazeres tradicionais e da arte contemporânea em seus mais diversificados suportes e linguagens, consolidando sua capacidade de formação e transformação social” (FAOP, 2020).

No decorrer de mais de meio século de existência, a FAOP vem atuando, por meio de políticas públicas e parcerias, em ações de conservação, restauração, fazeres tradicionais e da arte contemporânea em seus mais diversificados suportes e linguagens, consolidando sua capacidade de formação, educação e transformação social.

E seus principais objetivos são: ampliar as ações nos campos das artes, conservação e restauração, preservação do patrimônio, em diferentes territórios com a sistematização de seus métodos e consolidação de sua capacidade educativa, profissionalizante, executiva e mobilizadora para a promoção da cultura e a transformação social (FAOP, 2020). Abaixo estão descritos a missão, visão e valores:

## **Missão**

Valorizar a arte em todas as suas dimensões e incentivar a conservação e a preservação do patrimônio cultural.

## **Visão**

Ampliar as ações nos campos das artes, conservação e restauração, preservação do patrimônio, em diferentes territórios com a sistematização de seus métodos e consolidação de sua capacidade educativa, profissionalizante, executiva e mobilizadora para a promoção da cultura e a transformação social.

## **Valores**

- Valorização da vida, das manifestações artísticas e culturais do passado e do presente;
- Desenvolvimento humano;
- Responsabilidade e transparência na gestão de recursos humanos e técnicos;
- Pioneirismo na conservação do patrimônio cultural, artístico e histórico nacional;
- Valorização dos bens artísticos, culturais e humanos;
- Foco no processo e nos resultados;
- Formar cidadãos que atuem com excelência na preservação e na produção de bens culturais, fortalecendo a prestação de serviços em arte, restauro e ofícios de forma sustentável, contribuindo para o desenvolvimento cultural do Estado de Minas Gerais, ampliando e garantindo o acesso à cultura;
- Arte e cultura como instrumentos de formação e de transformação social.

### **1.3.1 Objetivo operacional.**

O Decreto nº 47.922, de 23 de abril de 2020, define as competências da Fundação de Arte de Ouro Preto | FAOP:

Art. 2º - A FAOP tem como competência incentivar a arte, a cultura e o patrimônio cultural, promovendo ações e cursos de educação patrimonial,

conservação e restauração do patrimônio móvel e imóvel, de artes plásticas e industriais e de artesanato e saberes e ofícios, bem como o ensino e a pesquisa sobre a história da arte em Minas Gerais, com atribuições de:

I – promover cursos de livre docência, formação inicial e continuada, bem como qualificação profissional, em sua área de atuação;

II – desenvolver ações visando à restauração, à conservação e à promoção do patrimônio cultural, à formação de profissionais nessas áreas e à educação patrimonial da comunidade;

III – promover eventos, seminários, debates, conferências, festivais e mostras voltados para a universalização dos valores culturais, materiais e imateriais, e da diversidade dos elementos da memória coletiva;

IV – manter a Escola de Arte Rodrigo Melo Franco de Andrade, escola de ensino da educação básica, de ensino profissional, técnico de nível médio, visando prestar serviços educacionais, na área cultural, em especial, na área artística e de preservação do patrimônio, tendo como foco a formação artística, a educação profissionalizante e a educação patrimonial;

V – manter serviços de informações e de atendimento ao público sobre arte, cultura e patrimônio;

VI – articular-se com instituições públicas e privadas, nacionais e internacionais, visando à mútua cooperação técnica, científica e financeira.

## **2 CAPÍTULO – PATRIMÔNIO CULTURAL: OURO PRETO, MUSEU A CÉU ABERTO.**

### **2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL**

O termo patrimônio cultural, também conhecido como patrimônio histórico cultural, objetiva a representação simbólica da identidade e a memória de uma sociedade. “O pertencimento a uma comunidade nacional é produzido a partir da ideia de propriedade sobre um conjunto de bens culturais: relíquias, monumentos, cidades históricas, entre outros” (SILVA, 2000).

Para Paoli (1992), teria que lembrar as múltiplas dimensões culturais, como imagens de um passado vivo, “acontecimentos e coisas que merecem ser mantidos na memória e preservados porque são coletivamente significativos em sua diversidade”. Porém, para autora ocorre ao contrário, quando se fala em patrimônio histórico, remete-se apenas ao passado, um museu abarrotado de objetos antigos, que estão exposto com objetivo de atestar uma herança coletiva. Esse preservar da memória não está ligado apenas à conservação de relíquias antigas ou edificações, mas também à preservação de toda uma história, todo um caminho percorrido pela sociedade, desde seus tempos mais remotos até aos dias de hoje, interligando-os pela sua importância nesse processo de contínuo movimento e constante transformação.

Para Lapis, (2017, p.13):

O patrimônio histórico pode ser entendido como um atributo de uma vivência efêmera, porém se torna eterna por meio de monumentos/bens, carregando em si uma base bastante forte, produzindo uma coletividade de imaginários que nos diz quem somos, de onde viemos e para onde desejamos ir. É essencial que se reconheça que patrimônio não é só um bem em si, “mas também o uso que aquele bem, tem para a perpetuação da memória de uma coletividade, pois o patrimônio histórico não é algo concreto somente, é algo também subjetivo, cheio de significado” (LOPIS, 2017, p.13).

Diversos estudiosos acreditam que o patrimônio sempre foi pertencente à sociedades humanas. Ele integra um evento histórico, que faz parte de práticas sociais situado no espaço e no tempo. O cenário de valorização patrimonial passou por vários períodos históricos, e em cada sociedade tinha sua característica. Passada a Segunda Guerra, houve uma preocupação em preservar bens culturais, por

representarem uma herança deixada ao povo, que contribui para a criação de uma identidade nacional (LOPIS, 2017).

A nação torna-se a encarnação por excelência da patrimonialidade, absorvendo, por assim dizer, no seu princípio, toda a recepção dos objetos culturais do passado. A apropriação se dá na forma de uma comunidade imaginária, e a proteção do patrimônio é geralmente acompanhada da crença em um progresso (LOPIS, 2017).

Para Tomaz (2010), é preciso que se tenha uma política de preservação, e que essa não se atenha apenas em preservar os bens patrimoniais. Para Fonseca (1997), vai além: Uma política de preservação do patrimônio abrange necessariamente um âmbito maior que o de um conjunto de atividades visando à proteção de bens. É imprescindível ir além e questionar o processo de produção desse universo que constitui um patrimônio, os critérios que regem a seleção de bens e justificam sua proteção; identificar os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar o seu trabalho; definir a posição do Estado relativamente a essa prática social e investigar o grau de envolvimento da sociedade. Trata-se de uma dimensão menos visível, mas nem por isso menos significativa.

Quando se fala de preservação do patrimônio histórico, faz-se necessário reconhecer cada local preservado, de acordo com cada sociedade, pois cada uma se baseia em seu monumento que apresenta características relevantes, por sua relevância histórica (TOMAZ, 2010).

## **2.2 OURO PRETO TOMBADO.**

Ouro Preto é uma das primeiras cidades tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (Iphan), em 1938, e a primeira cidade brasileira a receber o título de Patrimônio Mundial, conferido pela Unesco, em 1980. Tal reconhecimento deve-se, principalmente, ao fato da cidade ser um sítio urbano completo e pouco alterado em relação à sua essência: formação espontânea a partir de um sistema minerador, seguido por uma marcada presença dos poderes religioso e governamental, e fortes expressões artísticas que se destacam por sua relevância internacional (IPHAN, 2014).

Seu traçado urbano colonial mantém-se intacto e o mesmo ocorre com os exemplares da arquitetura religiosa e civil mais expressivos, e as suas obras de arte preservadas. Entre o patrimônio protegido está a Igreja São Francisco de Assis (considerada uma obra-prima). Destacam-se, também, as igrejas de Nossa Sra. do Pilar, da Conceição e do Carmo, o cenário de suas ladeiras de pedras, e o casario branco com suas telhas de barro e esquadrias coloridas (IPHAN, 2014).

O valor extraordinário de Ouro Preto, traduzido na paisagem urbana que se consolidou ao longo dos séculos XVIII e XIX, mantém-se perfeitamente legível devido não só à estagnação econômica sofrida pela cidade na primeira metade do século XX, mas, principalmente, pelas medidas de proteção que se seguiram ao seu tombamento. Permanecem igualmente preservadas edificações como os palácios, igrejas, fontes, pontes e a maioria das casas de comércio e residências do período colonial (IPHAN, 2014).

### **3 CAPÍTULO – ESTUDO DE CASO CIRCUITO MUSEOLÓGICO.**

#### **3.1 INTERAÇÃO MUSEU E ESCOLA NÃO FORMAL.**

Os museus são lugares conceituados historicamente à reunião e estudos de testemunhos oriundos seja do mundo cultural quanto natural. Como visto, desde sua origem eles vêm passando por diversas transformações, que contribuíram para a modificação do foco de atuação (MARTINS, 2006).

Cândido (2000) cita que em 1958, na cidade do Rio de Janeiro foi realizado o “Seminário Geral da Unesco sobre a Função Educativa dos Museus”. Sendo esse um dos primeiros documentos publicados sob essa perspectiva.

Para Toral, (1995) a principal preocupação dos participantes do Seminário, era na definição de status epistemológico da Museologia. Sendo assim, foram discutidos de forma sistemática, conceitos-chave da área, como Museografia/museologia, museus e a relação homem – objeto.

A interação entre os museus e as escolas, teve incentivo de órgãos como United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) e International Council of Museums (ICOM). Porém, esse modelo foi criticado, pelo fato de aproximação do museu como papel ilustrador dos conteúdos que são escolares. Mas o que de fato contribui entre os espaços museológicos e os escolares, são as possibilidades didáticas e culturais desses espaços, juntamente alinhadas com políticas governamentais de fomento do patrimônio, e as políticas educacionais de formação profissional (COELHO, 2009).

Sabe-se que os museus representam muito além de espaços para acumulação de objetos históricos, estes espaços tem como objetivo a conservação, o estudo e a exposição ao público de elementos da vida social que tenham ligação com a diversidade da memória e história de uma sociedade.

As exposições, consideradas como o meio de comunicação específico dos museus, tiveram suas tipologias definidas, tendo como indicadores os diferentes níveis de interesse e conhecimento do público que visitam os museus, diferenciando assim, as exposições sistemáticas, polivalentes, explicativas, especializadas e ecológicas, preocupando-se dessa forma com a compreensão pública dos conteúdos expostos. “Mais do que impor determinados pontos de vista, recomendou-se a montagem de exposições didáticas e propositivas, tendo em vista a diferenciação dos

diversos acervos institucionais” (MARTINS, 2006).

Em 1972, foi realizada a “Mesa Redonda de Santiago do Chile sobre o papel do Museu na América Latina”, considerado o marco transformador do período, por ser a mais importante e original “contribuição da América Latina para o pensamento museológico contemporâneo”, pois teve sua importância ligada ao uso social do patrimônio, assim como à definição do conceito de museu integral, que é considerado “conjunto de bens que deve ser preservado para a identidade e integridade dos seres vivos” (BRUNO, 1995).

Martins (2006), cita que pouco ou nenhum impacto foi percebido em relação a Santiago na América Latina, com exceção de algumas experiências com museus comunitários no México e no Brasil. Ao redor do mundo, esse impacto ocorreu a partir dos anos de 1980.

Em 1984 foi publicada a Declaração de Quebec, documento fundador do Movimento Internacional para Nova Museologia (MINOM), como reflexo dos debates ocorridos em Santiago. No documento elaborado, o papel social dos museus foi mais uma vez ratificado. Os museus são convocados a incluir a população em suas ações, que por sua vez, deve ser fomentadores de transformações sociais (MARTINS, 2006).

Para Coelho, (2009, p.18):

“Os Museus são fontes de conhecimentos, pois materializam um contexto histórico e através de objetos e de outras maneiras de preservam a realidade de uma época, de um costume, de uma utilidade, enfim daquilo que foi, pois a partir do momento da entrada de um objeto em um museu ele deixa de exercer sua função original e passa a ser conservado para fins de preservação de memória” (COELHO, 2009, p.18).

É bom salientar que tais mudanças não foram abrangentes em todas as instituições museais existentes, ainda pode-se considerar complexa a relação entre prática museológica e teoria. Muitas evidências comprovam que o fazer museal impôs, a partir de uma reflexão crítica, a constituição de um universo particular para a edificação de sua epistemologia. Esta trajetória tem sido lenta e ainda hoje confronta-se com o número reduzido de profissionais preocupados com a estruturação teórico-metodológica desta disciplina, com poucas escolas de formação e com um objeto de

estudo extremamente diversificado que dificulta análises comparativas” (MARTINS, 2009 apud BRUNO, 1995).

Para Allard & Boucher (1991), o desenvolvimento da função educativa dos museus pode ser demarcado em três etapas sucessivas, porém não exclusivas.

- 1 Criação e incorporação de museus em instituições de ensino formais, como as universidades. Os autores citam Ashmolean Museum da Universidade de Oxford, com grandes coleções de geologia e história natural, que foi fundada em 1683. Com acesso restrito apenas a estudantes da elite inglesa, com entendimento dos saberes necessários para a compreensão da exposição. Diversos museus da Europa do século XVIII, são responsáveis pela disposição de disciplinas como Geologia, História, Paleontologia, Antropologia, entre outras, por trazerem introduzidas as configurações próprias à uma instituição de pesquisa.
- 2 Está relacionada a entrada gradativa de um público mais amplo, e de diferentes classes sociais. No final do século XVIII o museu passou a ser visto como um lugar de invenção artística, também de progresso da arte e do conhecimento, onde o público visitante teria a oportunidade de ter uma inclinação por meio da admiração de exposição. “Perseguindo o ideal democrático do século anterior, o museu do século XIX pretendia ser um espaço pedagógico de vulgarização, de difusão e de aculturação inserido num esforço geral de modernização da sociedade” (KOPTKE, 2002). No decorrer do século XX, em decorrência a demanda e diversificação do público, os museus não poderiam mais apenas expor suas obras, se fez fundamental que o público não apenas visitasse, mas que também apreciasse e compreendesse as exposições. Contudo, apenas a partir do final do século XX é que os museus foram reconhecidos como instituições inerentes à educação.
- 3 Tem relação com a chegada dos grupos escolares nos museus: Que se deu por volta de 1960, incentivado pelo movimento da Nova Museologia, pode-se perceber um considerável desenvolvimento dos programas educativos, em especial os voltados aos grupos escolares de diferentes faixas etárias em diversos tipos de museus. Várias questões contribuem para esse cenário, tais como questões legislativas e políticas das duas instituições, os diferentes tipos de acervos e as características de comunicação de cada museu, a incorporação temática dessa tipologia patrimonial nas necessidades dos currículos escolares, entre outros.

### **3.2 A RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA.**

De acordo com Valente (2003), podemos observar, na história dos museus, que eles apresentam algumas tendências pedagógicas inspiradas nas perspectivas educacionais da ciência. Assim, os museus passam a executar diferentes papéis no âmbito do ensino-aprendizado são “eleitos como fontes importantes de aprendizagem e podem contribuir para o enriquecimento cultural científico dos indivíduos, tanto aqueles que estão na escola quanto os que não tiveram esta oportunidade, e, ainda os que já estão fora dela”.

Os espaços de ensino não formais, como os museus, possuem, portanto, uma função de patrimônio social e também desempenham na sociedade um papel pedagógico quando apresentam objetos e textos que são representações do conhecimento científico. O papel pedagógico dos museus de ciência está expresso na divulgação e socialização dos conhecimentos científicos, ou seja, os museus científicos são instituições preservadoras dos produtos socioculturais da ciência (LOUREIRO, 2008).

Pereira e Carvalho (2010) no texto “Sentido dos tempos na relação museu/escola” discutem a relação entre o museu e a escola e os diferentes tempos presente nesses espaços. Coloca o museu como um lugar com intenções educativas, que através de suas exposições cria oportunidades de compreender a função dos objetos expostos em outra relação de espaço-tempo, que é condicionado à capacidade criadora dos visitantes, no caso dos estudantes.

A relação museu-escola, a expansão do espaço educativo, ou interação entre museu e escola é defendida por Santos (2002) como aquela que seja baseada na ação e na reflexão críticas através de métodos e de técnicas que façam sentido para o grupo de pessoas envolvidas, devendo sempre serem contextualizados e em constante avaliação. A educação e a museologia são processos condicionados social e historicamente, resultam das ações dos seres humanos sobre e no mundo. Nesse sentido, podemos pensar sobre a linguagem do museu em relação à linguagem da escola, aos tempos, aos espaços.

Considerando que os processos educativos têm um caráter contínuo e permanente, que é possível construir conhecimento na troca, na relação entre o ensino formal e o não-formal que os métodos e as técnicas a serem utilizados em

projetos a serem desenvolvidos pelos museus e pelas escolas, devem ser apoiados nas concepções de educação, de museologia e de museus adotadas pelos sujeitos envolvidos (SANTOS, 2001).

Chiovatto; Aidar, (2015, p.146), coordenadoras do educativo da Pinacoteca do Estado de São Paulo, entendem que a função educativa deveria ser desenvolvida pelo museu como um todo, não estando circunscrita a um determinado setor. Para elas, o museu deveria ser pensado como educativo por natureza, e não apenas manter uma área dedicada à educação para divulgação de conhecimentos alheios à comunidade na qual se inserem.

Santos (2008, p. 141) afirma:

Que todas as ações museológicas devem ser pensadas e praticadas como ações educativas. Sem essa prática, as técnicas por si só se esgotariam, bem como as práticas educativas desenvolvidas posteriormente, pois não teriam contribuição da instituição, se configurando em um grande depósito de objetos (SANTOS, 2008, p. 141).

Nesse sentido, Braga (2015), que também se debruça sobre a prática docente, analisa em seu artigo como o museu pode servir de instrumento pedagógico para professores de história da educação básica. A estratégia adotada foi visitar o Museu de Artes e Ofícios (MAO) de Belo Horizonte acompanhado de docentes, estabelecendo diálogo com os professores sobre as narrativas históricas produzidas pelo museu e os usos educativos utilizados pelos docentes. O autor conclui que as mostras históricas do Museu de Artes e Ofícios (MAO) são algumas das muitas possíveis representações da história ensinada em sala de aula. Os professores, segundo o autor fazem uso das exposições de forma crítica como modo de concretizar o conteúdo escolar, como uma experiência que, através do visual e da materialidade, expande o aprendizado para além do livro didático. Entretanto, a ida ao museu se anula se não houver intencionalidade, a qual é fundamental para que o uso de exposições como recurso pedagógico para o ensino de história seja significativo para os estudantes, a fim de que os mesmos possam estabelecer conexões com o conteúdo escolar de forma crítica, vislumbrando as exposições históricas como uma reflexão, entre tantas outras, sobre as várias formas de narrar e representar a história.

Araújo, Caluzi e Caldeira (2006) ressaltam que instituições e organizações que se destinem a promover a alfabetização científica (AC) de forma continuada exercem papéis importantes e específicos, tanto na formação de novos pesquisadores, quanto de cidadãos críticos na complexa relação ciência, tecnologia, sociedade e ambiente (CTSA). Para os autores, além do espaço escolar, outros espaços promovem a cultura científica, com destaque para o papel dos museus e centros de ciências. A proposta de divulgação científica destes espaços apresenta o conhecimento científico de forma diferente e complementar à escola

Por fim, para cumprir sua função social de agência de caráter educativo, e como protagonista do seu tempo, o museu, como afirma Franz (2001), deve desenvolver ações em aliança com a escola. Segundo Ornelas (2008, p.1), a relação entre a escola e o museu é “[...] determinante na abertura dos horizontes culturais das crianças e adolescentes e, conseqüentemente, na promoção do sucesso escolar.”

### **3.3 CIRCUITO MUSEOLÓGICO.**

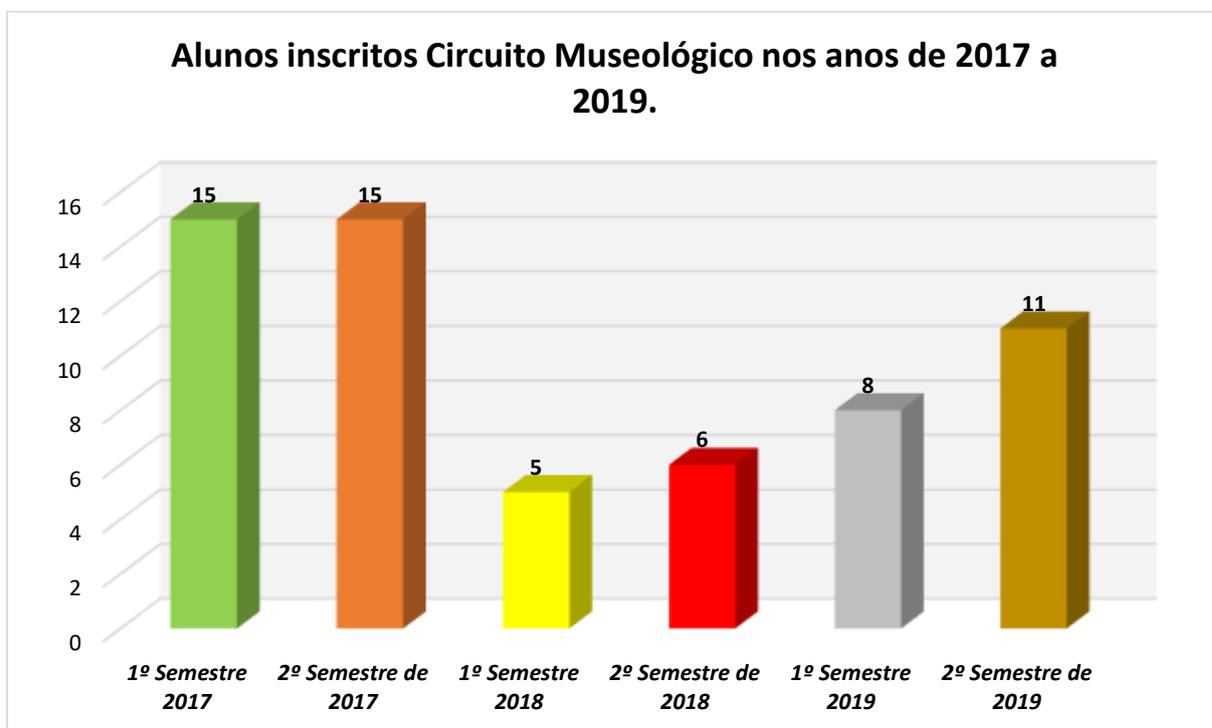
O curso do Circuito Museológico começou no ano de 2015, o projeto teve iniciativa por parte da professora da FAOP Lúcia Brandão, formada em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto. A ideia inicial era de se trabalhar com visitas aos espaços museológicos na cidade de Ouro Preto, porém conforme foi se iniciando os trabalhos aos museus observou-se a necessidade de se ampliar para outros espaços, bem como trabalhar outros questionamentos.

Seus principais objetivos estão descritos a seguir:

- I- Proporcionar aos participantes um conhecimento acerca do universo dos Museus;
- II- Observar os diferentes processos de produção, divulgação e exposição das obras de arte ao longo da história e nos diversos espaços expositivos;
- III- Instigar nos alunos a vontade de se apropriar do seu patrimônio histórico, artístico e cultural e o reconhecimento dos museus como forma de se preservar a tradição, a cultura, a arte e a memória;
- IV- Despertar nos alunos o sentimento de pertencimento e de inclusão em seu ambiente sociocultural;
- V- Permitir aos alunos conhecer os acervos museológicos e seus processos de conservação;

- VI- Promover o entendimento de Museu como um espaço vivo, capaz de proporcionar conhecimentos, trocas e vivências.

O curso do Circuito Museológico desde a sua concepção é composto por duas professoras ou de uma professora mais uma estagiária uma vez que é de extrema responsabilidade as saídas pela cidade, com o número de 15 vagas disponíveis. A proposta do curso que é semestral tinha como objetivo a inclusão, por essa razão havia nas turmas a participação de pessoas com deficiência, o que era preciso ter uma atenção redobrada para que todos estivessem bem assistidos durante o trajeto e as visitas, pois eram realizadas a pé pelo centro da cidade e em outros bairros para poderem observar, questionar e admirar os detalhes e contrastes que compõem Ouro Preto. O curso iniciou-se no ano de 2015 seguindo até o ano de 2019 contabilizando um total de 10 turmas, está em suspenso no ano de 2020 e 2021 por tempo indeterminado em consequência da pandemia SARS-coV-2. Abaixo conforme demonstrado no gráfico 1, o quantitativo de alunos que participaram das turmas semestrais a partir de 2017.



A figura 1 abaixo, mostra imagem do circuito museológico.

**Figura 1: Imagem do circuito Museológico**



**Fonte: Janaína Evangelista**

No início do curso a proposta era de trabalhar a relação público x museus, senso de pertencimento, discurso dos museus, conservação dos acervos nos museus, coleções, memória, patrimônio, identidades coletivas, enfim assuntos que girassem em torno dos museus da cidade de Ouro Preto, porém observou-se que, a maioria dos alunos conheciam muito pouco ou quase nada dos espaços culturais existentes na cidade, a partir dessa percepção as visitas foram ampliadas em outros espaços que não fossem apenas aos museus. Assim foi implementado visitas às galerias de arte, às igrejas, às minas de ouro, ou seja, trabalhou-se com os alunos não apenas questões ligadas ao patrimônio material bem como um sentido mais amplo estimulando a sensibilidade, percepção e o senso crítico de cada um dentro desse cenário.

No primeiro dia de aula é apresentada a proposta do que se trata o curso do Circuito Museológico e os alunos sob orientação das professoras confeccionam um caderno artesanal intitulado Diário de Bordo (figura 2), onde em todas as visitas eles levam esse caderno para possíveis anotações, colocam seus questionamentos, dúvidas, curiosidades que serão discutidos na semana seguinte em sala, uma vez que

a proposta é uma semana no qual é realizada a visita e na outra aula em sala para se discutir a visita.

**Figura 2: Diário de Bordo.**



**Foto: Andréia Miranda.**

O diário de bordo serve como um termômetro para sentir o envolvimento dos alunos para com o curso, dessa maneira é perceptível durante as aulas o grau de envolvimento com as questões abordadas, surgindo assim poesias, reflexões sobre a cidade antigamente e na contemporaneidade, sobre a arte, desenhos, e os mais variados tipos de sentimentos e sensações. Dentre as anotações, merece destaque a realizada por um aluno, no qual após o início do circuito museológico, percebeu o aumento em seu interesse na disciplina de História na escola bem como sua média escolar, pois demonstrava-se mais curioso e atento as aulas.

A relação afetiva que os alunos criavam não apenas com o curso, professoras e estagiária, mas com a FAOP de um modo geral, tornou-se muito interessante, eles tinham o prazer em chegar cedo para andar pela casa, pelos pátios, observar as obras que compunham o local, com muitos questionamentos, como era feito, inconscientemente instigando um possível processo criativo futuro, pois alguns alunos também faziam outros cursos na Fundação de Arte. Ao longo desses 4 anos trabalhando com o circuito Museológico foram observados que vários alunos solicitam para repetir o curso, assim abriu-se esse espaço para que isso fosse possível, adaptando-se a essa demanda e até pensar na possibilidade do curso ser anual, desse modo é gratificante ver os objetivos estarem sendo alcançados.

### **3.4 ESTUDO DE CASO**

Esse estudo de caso tem como finalidade retratar através das visitas, oficinas e ações educativas o trabalho desenvolvido pelo curso do Circuito Museológico e suas consequências na vida dos adolescentes matriculados. O curso era composto por jovens de 12 a 16 anos independente de classe social, incluía alunos tanto da rede pública de ensino como privada, tendo um período de duração de um semestre, disponibilizando 15 vagas. Um ponto importante a ser ressaltado era o trabalho de inclusão com alunos portadores de deficiência, que participavam ativamente das atividades propostas. O estudo de caso inclui fotos para documentar as passagens em diversos polos culturais na cidade de Ouro Preto com os alunos, evidenciando e auxiliando na organização em momentos distintos das atividades realizadas com Circuito Museológico ao longo do curso.

#### **I) Visita ao Museu da Inconfidência (08/04/2019):**

Situado no centro histórico da cidade de Ouro Preto o Museu da Inconfidência, antiga Casa de Câmara e Cadeira é um monumento de extrema importância no cenário artístico nacional. O museu abriga o Panteão dos Inconfidentes, passagens que retratam o Império uma vez que foi elevada à categoria de cidade imperial, a vida cotidiana no século XVIII e XIX com seus utensílios e vestimentas, a sala das origens onde possui acervos museológicos indígenas juntamente com objetos da coroa portuguesa (armas e retratos), elementos da construção civil (tijolos e telhas) e do transporte (liteira e arca) podem ser vistos em visita ao museu. Também é possível observar ainda passagens do período da mineração (uma vez que a cidade teve uma exploração exacerbada na extração do ouro) e a religiosidade que perpassa o tempo e ainda se faz muito presente no cotidiano das pessoas até os dias atuais na cidade de Ouro Preto.

Na visita ao Museu da Inconfidência, os alunos foram recebidos pela ex-aluna, formada pela Museologia da UFOP, Nayara Fernandes, dando início a visita guiada, no primeiro andar foi apresentada a Sala das Origens (onde há uma representação irrisória dos primeiros habitantes da cidade). Sala da Mineração (é representada a tecnologia de minerar trazida da África). Panteão (onde estão os restos mortais dos

inconfidentes). O 2ª andar: são dedicados a religiosidade, com acervo sacro que vão desde oratórios, até retábulos, santos, mobiliários, entre outros.

Discutiu-se sobre os primeiros habitantes na cidade de Ouro Preto, observando assim uma vitrine com alguns acervos indígenas, objetos, mobiliário, utensílios dos portugueses, retratando sobre os inconfidentes, o ofício da mineração trazido pelos africanos e pôr fim a questão da religiosidade que é demonstrada no andar de cima do museu.

Depois da visita realizada ao Museu da Inconfidência, foi proposto aos alunos uma roda de reflexão, no qual cada um pode expor o que achou da visita e sobre o discurso do museu. Abaixo estão os resultados da roda de reflexão:

“A primeira visita a gente nunca esquece”, a maioria disse ter ficado super feliz pois nunca tinha ido a um museu, disseram ter gostado muito de toda história que um museu pode contar e que acharam que é um lugar para turista e não para eles”. A maioria nunca tinha visitado um museu e foi interessantíssimo observar como eles olhavam tudo atentamente todo o acervo que estava exposto.

Diante disso, foi ressaltado que esses espaços tanto na cidade de Ouro Preto quanto em outras cidades pertencem a todos. O saldo da visita foi extremamente positivo.

É de suma relevância presenciar a evolução do aluno durante o curso, no começo chegam com vergonha de entrar nos espaços culturais da cidade e posteriormente já estão questionando, até mesmo indicando lugares que acham interessantes para visitar.

**Figura 3: Visita ao Museu da Inconfidência.**



Fonte: Andréia Miranda.

## **II. Exposição o Ouro e o Tolo, de Emiliana Marquetti: (02/08/2019).**

A Galeria de Arte Nello Nuno da Fundação de Arte de Ouro Preto – FAOP, possui um espaço que abrange exposições e ações educativas, com o intuito de aguçar no público o mundo imaginário da arte e experimentar sensações que vão além da materialidade. A galeria possui esse nome em homenagem ao grande pintor e co-fundador da FAOP Nello Nuno que faleceu ainda jovem, o artista possui um papel importante no cenário artístico mineiro e nacional deixando um legado ímpar de suas obras. Situada no bairro do Rosário a galeria está de portas abertas para o público e para os artistas que podem participar do edital público para fazerem suas exposições.

Foi através desse processo de seleção que a artista Emilliana Marquetti filha do já falecido pintor Ivan Marquetti realizou sua exposição intitulada O Ouro e o Tolo. Emilliana Marquetti nasceu em Recife e aproximadamente a 15 anos reside em Ouro Preto, foi aluna da FAOP por anos onde fez diversos cursos em áreas artísticas distintas. Filha de mãe bailarina e pai pintor Emilliana Marquetti sempre se viu cercada pelo universo da arte, com trabalhos fortes e extremamente expressivos a artista busca referências no seu próprio eu, na cidade e no meio artístico que a cerca.

Na exposição foi observado obras abstratas, com uma paleta de cores expressas em acrílica sobre tela, estes quadros trabalhavam questões do subconsciente da artista, despertando nos alunos uma curiosidade em compreender como buscar mecanismos de reprodução de imagens do subconsciente. Diante disso, foi realizada uma dinâmica durante a exposição, na qual foram escolhidas as obras que cada um dos alunos se identificava, e o que a mesma representava.

Em visita com os alunos do Circuito Museológico a exposição O Ouro e o Tolo da artista Emiliana Marquetti, realizou-se uma dinâmica após a exposição onde os alunos foram vendados, e sobre a mesa colocados papéis, potes de tintas e pincéis, despertando a visita em seu subconsciente.

Após isso, retirou-se a venda e os mesmos relataram que foi uma experiência estranha no começo e satisfatória depois. As pinturas abstratas produzidas, os deixaram entusiasmados com o resultado, pois não tinham ideia do que estava sendo pintado, ou seja, um mergulho no desconhecido visto que, não podiam ver como estava ficando o trabalho.

**Figura 4: Quadro da exposição do Ouro e o Tolo.**



**Fonte: Artista Emiliana Marquetti.**

### **III. Oficina Meu Museu Imaginário - Visita à Casa do Pilar (10/05/2019):**

A oficina Meu Museu Imaginário aconteceu na Casa do Pilar no bairro do Pilar em um prédio histórico que é um dos anexos do Museu da Inconfidência, onde estão instalados o setor de pesquisa, o arquivo histórico, o setor de musicologia e também as ações educativas que muitas vezes traçam um paralelo com as visitas feitas ao museu. Os alunos puderam conhecer alguns espaços que compõe a casa como os pátios externos e o setor educativo onde aconteceu a oficina.

Em contrapartida à visita realizada no Museu da Inconfidência, na oficina Meu Museu Imaginário os alunos do Circuito Museológico questionaram a pouca representação dos índios e dos negros na instituição, e partir de tal questionamento, foram-lhes propostos que cada um criasse o museu que eles considerassem ideal, para isso foram disponibilizados materiais como: papel, lápis de cor, tinta, tesoura, onde puderam soltar a imaginação. Os alunos usaram diversos materiais que iam desde colagens até a desenhos super coloridos e soltos. Fizeram alguns questionamentos como: o que precisa para se construir um museu?

E o resultado foram os mais diferentes tipos de museus possíveis: museu dos super heróis, museu dos negros de Ouro Preto, museu do índio, museu dos cachorros,

museu quebra-cabeça. Foi explicado que não é simples construir um museu, envolve muitas questões burocráticas e muita pesquisa para a constituição do mesmo.

Ressaltou-se que os museus comunitários são menos complexos uma vez que a própria comunidade é que seleciona o acervo que será exposto e vê a melhor maneira desse tipo de museu funcionar pois todo o processo desde criação até sua funcionalidade está na mão da comunidade, os alunos ficaram encantados com essa possibilidade de museu e ao mesmo tempo tiveram a real noção que para se criar um museu é necessário muito trabalho, dedicação e responsabilidade principalmente com o público que irá visitar.

**Figura 5: Oficina Meu Museu Imaginário.**



**Fonte: Andréia Miranda.**

#### **IV. Mina de Ouro Du Veloso (23/07/2019):**

A Mina de Ouro Du Veloso é datada do século XVIII e está localizada no bairro do Veloso em uma comunidade que vem observando um fluxo crescente de turistas que tem se tornado uma constante, em busca da história da mineração e suas tecnologias. Eduardo Evangelista, o Du, como é conhecido, é formado em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Ouro Preto e está à frente das dinâmicas, rodas de

conversas e reflexões relacionadas as questões da mineração na região de Ouro Preto.

A visita teve como objetivo explicar para os alunos o processo de mineração na cidade, e como os escravizados eram detentores das técnicas de mineração, ressaltando o outro lado da história dos negros, uma vez que os alunos consideram que os escravizados não possuíam saberes sobre mineração. Os alunos ficaram impressionados com a tecnologia trazida pelos africanos utilizados na mineração.

**Figura 6: Mina de Ouro Du Veloso em Ouro Preto/MG.**



**Fonte: Michele Marie/G1.**

A visita a Mina de Ouro Du Veloso com os alunos foi fascinante para eles pois muitos nunca tinham entrado em uma mina de ouro. Durante a visita, o “Du”, que é o proprietário da mina, fez uma explicação de como eram construídas as minas antigamente, enfatizando que esse ofício veio trazido pelos africanos, um trabalho único e que somente os africanos dominavam por aqui. Durante a visita alguns alunos ficaram um pouco angustiados com o ambiente estreito e fechado, teve um aluno que preferiu voltar e esperar fora da mina pois não se sentiu bem.

Logo após a visita, abriu-se uma roda de conversa para saber o que os alunos acharam e a maioria questionava como os escravizados conseguiam ficar tanto tempo dentro daquelas minas com pouco oxigênio e imaginavam todo o sofrimento que

existiu por trás da mineração nessas minas em Ouro Preto. Percebeu-se que os alunos ficaram muito pensativos pois a todo momento questionavam sobre a sobrevivência em um ambiente com dificuldades para exercer o trabalho.

Ao final da visita mostraram interesse para com outras minas da cidade de Ouro Preto, visando conhecer mais sobre a história dessa cidade que foi construída através de muito sofrimento dos escravizados.

## **V. Visita ao Museu Casa Guignard (20/04/2019).**

O Museu Casa Guignard localizado a rua Conde de Bobadela no centro da cidade de Ouro Preto é um museu casa que compõem acervos que vão desde pintura, desenhos, cartões, objetos e documentos relacionados a vida e história do grande pintor modernista Alberto da Veiga Guignard. O artista escolheu a cidade de Ouro Preto para residir por um tempo pois tinha fascínio pelas paisagens históricas que foram retratadas em diversos trabalhos. O museu além de contar com a exposição permanente também possui espaço para exposições temporárias além de oferecer ações educativas que promovem o espaço cultural do museu.

Em visita ao Museu Casa Guignard com os alunos do Circuito Museológico foi possível observar paisagens de Ouro Preto pela perspectiva do artista que criava um cenário imaginário extremamente poético da cidade em suas obras. Foi exibido um vídeo com o resumo sobre a trajetória de Guignard e documentos referentes ao artista.

No segundo andar os alunos ficaram perplexos com a história dos cartões de Guignard, no qual foram vistos os inúmeros cartões confeccionados pelo artista a sua amada e nunca enviados, atitude esta, aumentou a curiosidade dos alunos em relação o porquê de fazer tantos cartões lindos e nunca enviá-los.

E através desses questionamentos que os alunos foram convidados a participar da ação educativa Cartões de Guignard, onde receberam papéis das mais variadas cores, cortadores de vários formatos, tesouras, colas coloridas e lápis de cor para confeccionarem cartões, que resultaram nos mais variados e lindos cartões com a intenção de prestigiar alguém ou não.

A visita ao Museu Casa Guignard em conjunto com a ação educativa teve um saldo extremamente significativo para os alunos, sendo perceptível principalmente durante a oficina onde foi trabalhada a memória afetiva de cada um com seus anseios

e timidez, deixando aflorar sentimentos que muitas vezes ficam reprimidos seja pela idade, já que são adolescentes e nessa fase os sentimentos são muito instáveis ou até mesmo para alguns que no início da atividade se julgaram incompreendidos seja por questões familiares ou amorosas, se mostraram ao final criativos e satisfeitos com os resultados fazendo até mais de um cartão ao final da oficina.

**Figura 7: Oficina educativa Cartões Guignard.**



Fonte: Janaína Evangelista.

**Figura 8: Oficina educativa Cartões Guignard.**



Fonte: Janaína Evangelista

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus sempre foram espaços privilegiados para se traçar ideias e concepções acerca de costumes, modos de vidas, hábitos, tradições, crenças, enfim os diferentes aspectos que marcam a identidade cultural de um povo, de um grupo social ou de uma etnia.

No que tange a relação museu escola, pode-se dizer que a educação em espaços não formais de ensino, mais precisamente em museus e centros de ciências, proporciona aos educadores estimular a produção de novos conhecimentos a partir do conjunto das atividades humanas, dentro de um contexto político, social, cultural e histórico, as visitas guiadas a esses lugares, objetivando-se despertar nos alunos autonomia, um olhar crítico, estimular a produção de novos conhecimentos, tendo em vista que representam espaços de educação não formal, uma vez que neles ocorre a construção de saberes, permitindo a ampliação do conhecimento sobre o mundo e sobre as relações nas quais os indivíduos tomam parte.

Acredita-se que seja de suma importância, esse tema e relevante para o meio acadêmico e para a sociedade, desse modo se faz necessário a ampliação das atividades ligadas às áreas educacionais dentro dos projetos dos museus, objetivando ampliar a relação Museu-Escola.

Portanto, é imprescindível organizar projetos que viabilizem novas ações e pesquisas dentro dos museus, uma das alternativas pode ser firmar parcerias com outras instituições ou órgãos, para que a Escola possa ocupar um lugar de parceira do Museu e de seu Programa Educativo, como o incremento de políticas públicas de formação cultural dos professores e de valorização da arte no currículo escolar.

Considerando o programa de circuito museológico realizado pela FAOP, objetivou-se investigar a relação Museu-Escola, e que influência as visitas guiadas têm sobre os alunos. A principal motivação para a presente investigação foi compreender a percepção e analisar o comportamento dos alunos, através da pesquisa realizada conclui-se que a partir das visitas guiadas, proporcionou o trabalho com o imaginário dos mesmos, e que, geralmente, estão fora das expectativas gerais da educação formal, o contato direto dos estudantes com obras de artes autênticas tornou-se a aprendizagem mais interessante e significativa, enquanto educadores, devemos buscar alternativas e pensar novas formas de ensinar

e aprender com vistas à liberdade. Já, a educação formal, através do estudo realizado se confirma como uma ferramenta adequada para pensar a interação museu-escola.

Assim, as visitas guiadas realizadas a esses espaços possibilitaram aos alunos conhecerem mais sobre o patrimônio cultural e a história de OURO PRETO, os mesmos vivenciaram de maneira mais concreta o passado e conseqüentemente passaram a valorizar as culturas passadas e ampliaram a noção de pertencimento.

Desse modo, para que Escola possa ocupar um lugar de parceira do Museu e de seu Programa Educativo, são necessárias diversas reformulações que ultrapassam o alcance do próprio Museu, como o incremento de políticas públicas de formação cultural dos professores e de valorização da arte no currículo escolar.

A FAOP vem atuando neste sentido, como evidenciado no texto e no trabalho em campo, por meio de políticas públicas e parcerias, em ações de conservação, restauração, fazeres tradicionais e da arte contemporânea em seus mais diversificados suportes e linguagens, consolidando sua capacidade de formação, educação e transformação social.

Para finalizar, registra-se a necessidade de ampliar a discussão acerca da relação das escolas com os museus de artes, em especial o segmento do Ensino Médio da Educação Básica, que carece de atenção e pesquisas relevantes sobre essa temática, de forma que venham a contribuir não somente para a formação docente, mas, sobretudo, para a formação integral dos educandos, pois, acreditamos que a escola deve estender seus horizontes para além de seus muros, para uma educação mais ampla, democrática, e uma aprendizagem mais significativa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR, Gabriel; CHIOVATTO, Milene. Pensar educação inclusiva em museus a partir das experiências da Pinacoteca de São Paulo. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Vol. 1.II, nº 6. março/abril. Brasília: 2015.

ALLARD, Michel; BOUCHER, Suzanne. **Le musée et l'école**. Québec. Hurtubise HMH, 1991.

ARAÚJO, E. S. N. N; CALUZI, J. J.; CALDEIRA, A. M. A. **Divulgação e cultura científica**. In: ARAÚJO, E. S. N. N; CALUZI, J. J.; CALDEIRA, A. M. A. (orgs.). *Divulgação científica e ensino de ciência: estudos e experiências*. São Paulo: Escrituras Editora, 2006.

ASENCIO, M. e POL, E. **Aprender en el museo**. In: Íber –Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia, número 36, Año IX. Barcelona: Ed. Graao, abril 2003.

BAKTHIN, Michail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **Narrativas museais: diálogos possíveis entre a história pública, acadêmica e ensinada** (Dossiê: Gestão, Educação e Patrimônio Cultural). e-hum, [S.l.], v. 7, n. 2, jun 2015. p. 107-115.

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em Números/Instituto Brasileiro de Museus**. Brasília, 2011. 240 p; 29,7 cm; vol 1. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/museus-em-numeros/>>. Acesso em 11/11/2020.

BRUNO, Cristina; TORAL, Araújo; MATTOS Marcelo (Orgs.) **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos**, 1995.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **Ondas do pensamento museológico brasileiro. Cadernos de Museologia**. Monografia (Especialização em Museologia). 2000. ULHT.

CARO, S. M. P.; GUZZO R. S. L. **Educação Social e Psicologia**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **O Museu do sagrado ao segredo**. Rio de Janeiro: Revan, 2009.

CHAVES. Rosana. **A percepção dos professores de uma escola municipal de Boa Vista- Roraima, sobre a utilização dos espaços não formais de ensino na educação infantil**. Bol. Mus. Int. de Roraima. ISSN (online): 2317-5206. v 10(1): 20-27. 2016. Disponível em: <https://uerr.edu.br/bolmirr/wp-content/uploads/2016/09/BOLMIRRV101-Chaves-et-al.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2020.

COELHO, Erica Andreza. **A relação entre Museu e Escola**. UNISAL. Lorena. 2009. Disponível em: [http://www.lo.unisal.br/nova/estagio/arquivos/producao\\_academica\\_eri ca.pdf](http://www.lo.unisal.br/nova/estagio/arquivos/producao_academica_eri ca.pdf)>. Acesso em 14/11/2020.

CURY, Marília Xavier (a). **Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico metodológica para os museus**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.12 (suplemento). 2009.

FAOP – Fundação de Arte de Ouro Preto, 2020. Disponível em: <http://www.faop.mg.gov.br/comissao-de-etica.php> Acesso em 14 de novembro de 2020.

FRANZ, T. S. **Educação para a compreensão crítica da arte**. Florianópolis: Insular, 2001. Florianópolis. Fundação de Arte de Ouro Preto: Disponível em: <<http://www.faop.mg.gov.br/comissao-de-etica.php>> Acesso em 15 de janeiro de 2021.

GARCIA, V. A. **Um sobrevôo: o conceito de educação não-formal**, in: “Educação não-formal Contextos, percursos e sujeitos”. Campinas. Unicamp.2015.

GASPAR, A. **Museus e centros de ciências — conceituação e proposta de um referencial teórico**. 1993. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

GASPAR, Alberto. **A educação formal e a educação informal em ciências. História em Revista**. Rio de Janeiro: 2013. p. 171-183.

GOHN, M. G. **Educação não formal na pedagogia social**. An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.

HUYSSSEN, Andreas. Escapando da amnésia. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. V. 23. Rio de Janeiro: IPHAN/ MinC, 1994: 35-57.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. **LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009**. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/tag/estatuto-de-museus/> Acesso em 14 de novembro de 2020.

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, 2013. Disponível em <http://www.ibram.org.br/sites> Acesso em 14 de novembro de 2020.

ICOM – Comitê Internacional de Museus, 2019. Disponível em [https://www.icom.org.br/?page\\_id=4](https://www.icom.org.br/?page_id=4) Acesso: 14 de novembro de 2020.

IPHAN. **Ouro Preto**, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/373/>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2021.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu.** In: *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Brasília: MinC/Iphan/Departamento de Museus e Centros Culturais; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006, p. 19-31. Disponível em: <[http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/cadernodiretrizes/cadernodiretrizes\\_segundaparte.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/arquivos/Museus/File/cadernodiretrizes/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf)>. Acesso em 12/11/2020.

KÖPTKE, Luciana Sepúlveda. **A parceria educativa: o exemplo francês.** In: *CADERNOS DO MUSEU DA VIDA. O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu.* Rio de Janeiro: Museu da Vida/Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2001, 2002, p.70-79.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos pra quê?** 10. ed.São Paulo: Cortez, 2008.

LE MOS, S. F. C; COSTA, S. G; LIMA, R. C. P. **Representações Sociais: Aplicabilidade nos estudos sobre a educação de jovens e adultos.** 2013, Issue 39, p43-185. 21p.

LOPIS, Erivania Azevedo. Patrimônio histórico cultural: preservar ou transformar? Uma questão conflituosa. **Revista Mosaico.** Vol.8, nº 12, 2017.

LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. **Museus de arte no ciberespaço: uma abordagem conceitual.** Rio de Janeiro, UFRJ/ECO-IBICT, 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Informação). LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos pra quê?* 10. ed.São Paulo: Cortez, 2008.

LOWENTHAL, D. **El pasado es un país extraño.** Madri: Akal, 1998.

MARTINS, Luciana Conrado. **A relação museu/escola: teoria e prática educacionais nas visitas escolares ao Museu de Zoologia da USP.** 2006. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ORNELAS, M. S. A. **A escola e o museu: a obra de arte como objecto promotor do sucesso escolar.** In: *Actas do Congresso Ibero-Americano de Educação Artística.* DVD. Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual. 2008. Disponível em < <https://woc.uc.pt/fpce/getFile.do?tipo=2&id=7027>>. Acessado em: 10 de novembro de 2020.

PAOLI, Maria Célia. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado.** In. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania.* São Paulo: DPH, 1992, p. 25-28.

PEREIRA, Júnia Sales; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. **Sentidos dos tempos na relação museu/escola.** *Caderno CEDES, Campinas, v. 30, n. 82, dez 2010. p. 383-396.* Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010132622010000300008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622010000300008&lng=pt&nrm=iso)> . 05 de novembro 2020.

QUEIROZ, Ricardo Moreira. TEIXEIRA, Hebert Balieiro. VELOSO, Ataiany dos Santos. TERÁN, Augusto Fachín. QUEIROZ, Andrea Garcia de. *A caracterização dos*

espaços não formais de educação científica para o ensino de Ciências. **Revista Areté/ Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, [S.l.], v. 4 n. 7, p. 12-23, abr. 2011. ISSN 1984-7505. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/20> Acesso em: 12 nov. 2020.

RODRIGUES, Ana Ramos & SERRES, Juliane Primon. **Museu: memória e esquecimento, do individual ao coletivo**. Canoas, n. 14, abr. 2013.

SANTOS, M. C. T. **MUSEU E EDUCAÇÃO: conceitos e métodos. Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural** – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros museológicos: reflexões sobre a Museologia e educação e o museu**. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4201326/mod\\_resource/content/1/Maria%20C%27%A9lia.T.%20M.%20Santos%20%20Museu%20e%20Educa%27%C3%A3o\\_conceitos%20e%20m%27%C3%A9todos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4201326/mod_resource/content/1/Maria%20C%27%A9lia.T.%20M.%20Santos%20%20Museu%20e%20Educa%27%C3%A3o_conceitos%20e%20m%27%C3%A9todos.pdf)> Acesso em: 11 de novembro de 2020.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Museu e Educação: conceitos e métodos. Revista Ciências e Letras**: Porto Alegre, v. 31, 2002.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museus Brasileiros e Política Cultural. Revista Brasileira de Ciências Sociais** – Vol. 19. Nº 55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a04v1955.pdf>>. Acesso em 01/11/2020.

SILVA, Marcos & FONSECA, Selva Guimarães. **Ensinar História no Século XXI: Em busca do tempo entendido**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.), HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SMANIOTTO, Eliane. **Museu: Um espaço de aprendizagem. Sobre mudanças tecnológicas ocorridas durante o século XX**. I Seminário Internacional de educação. II Seminário Nacional de Educação. I Seminário PIBID/FACCAT. 2016. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/MUSEU%20-%20UM%20ESPACO%20DE%20APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em 11/11/2020.

SOTO, E. **Na lembrança, um sonho ou uma tentativa de desenvolvimento rural?** In: SIMSON, O. R. M. V; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. (orgs.). **Educação não-formal: cenários da criação**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 249-261.

SOUZA, C.R.T de. **A Educação Não-Formal e a escola aberta**. EDUCERE, 2008.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Narrativas de memórias e identidade no Museu Comunitário Vivo Olho do Tempo. Revista UNIRIO**. Vol 10, n.1, 2018.

TOMAZ, Paulo César. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 7, ano VII, nº 2. ISSN 1 807-6971.

2010.

TORAL, In: Araújo, Marcelo Mattos e Bruno, Cristina (Orgs.) **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos**, 1995.

VALENTE, M. E. **A Conquista do Caráter Público do Museu**. In: Educação e Museu: A Construção Social do Caráter Educativo dos Museus de Ciências. Rio de Janeiro: Access, p. 21 – 46, 2003.